



OUTING E AUTOACEITAÇÃO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS SOBRE A “SAÍDA DO ARMÁRIO” DE PESSOAS LGBT

Jhonnatan Muller dos Santos Santana¹ Flávio Alves da Silva²

1. Estudante de Psicologia; e-mail: muller.jhonnatan@gmail.com;
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: flaviosilva@umc.br.

Área do Conhecimento: Psicologia Social.

Palavras-Chave: Pessoas LGBT; Outing; LGBT; Homofobia; Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade já foi identificada como doença, perturbação e maldição. Apesar dos impressionantes avanços da sociedade, perceber-se e assumir-se LGBT ainda envolve muita negação e rejeição. Persiste o medo de contar para a família (fazer o *outing*), o medo de passar a vida sozinho, o medo de sofrer com a violência das ruas, o medo do preconceito nos espaços de trabalho. Sobre o processo de *outing*, pode-se afirmar que a pessoa LGBT, em seu processo de verbalizar sua orientação sexual à família ou amigos, enfrenta diversos comportamentos sociais diante da sua posição de tal verbalização. Um desses comportamentos, é violência, em seus mais diferenciados tipos. Identificada como uso da força ou poder, na ameaça ou prática contra a si mesmo ou a outras pessoas, no individual ou coletivo, a fim de causar danos físicos ou psicológicos a um indivíduo ou entidade, a violência é classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um problema de saúde pública (KRUG *et al.*, 2002). A homofobia causa sofrimento ímpar a pessoas que por ela são atingidas, e, em alguns casos, o ser recorre para aliviar tal angústia em psicoterapia. A homofobia nem sempre é compreendida pela população, o que contribui para a manutenção de comportamentos homofóbicos e discriminatórios, tais como os pensamentos machistas em grupos sociais, as religiões, as políticas governamentais, entre outros, situações estas que sustentam representações sociais negativas sobre a população LGBT e que a torna alvo de discursos e atitudes violentas.

OBJETIVOS

Analisar e descrever processo de autoaceitação de saída do armário de pessoas LGBT da região do Alto Tietê, assim como descrever as consequências e repercussões do outing na vida de pessoas LGBT, identificar as principais dificuldades enfrentadas no processo de saída do armário e situações de violência psicológica e outras manifestações de violência no processo de autoaceitação e outing, analisar o papel das relações familiares e do suporte social no processo de outing.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, que se utilizará da metodologia da História Oral de Vida, conforme o proposto por Meihy (1991). Para este estudo, foram entrevistadas 15 pessoas LGBT da região do Alto Tietê. Sendo tomados como critérios de inclusão: ser maior de 21 anos, ter realizado o outing há pelo menos 2 anos e expressar abertamente sua identidade de gênero e orientação sexual. As entrevistas foram gravadas, transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas, e neste processo marcou-se as palavras-chave que continham a questão da pesquisa. Para a análise, foram entrelaçados recortes de falas dos depoentes para discussão.

RESULTADOS

Sobre LGBTs, a amostra identificou 3 dos diversos grupos que compõem a bandeira, e os resultados coletados são capazes de mostrar, não somente o processo de outing como uma etapa de autoaceitação e autoconhecimento, mas como uma sucessão daquilo que se denomina “armário”. Para SEDGWICK (2007), o termo “armário” é visto como um dispositivo de defesa da comunidade, que em sociedade, está à margem comparada à vida heterossexual, já que os privilégios de visibilidade e hegemonia de valores são visivelmente distintos. Através das entrevistas, observou-se que o processo de aceitação dos participantes sobre a sua orientação sexual foi cercado de inseguranças. Ao ouvir os entrevistados, foram identificadas falas e comportamentos sociais repreendendo seu modo de se comunicar, fisicamente ou verbalmente. Tais atos recriminativos foram sinais intencionais ou inconscientes de preconceito. CROCHIK (1996), as “relações pessoais dos preconceituosos se dão através de categorias que permitem classificar os indivíduos, o que impede que a experiência individual possa se contrapor ao estereótipo”. Vê-se então, uma resistência em conhecer o universo do outro, como uma tentativa de excluir aquilo que foge à normalidade social que, neste caso, faz referência à heterossexualidade. P11 relatou que por um tempo, ouviu de pessoas sobre seus trejeitos e seu jeito “feminino” de se portar, e que em muitas vezes, policiava seus movimentos para que não se expressasse – exageradamente – corporalmente ou verbalmente, com medo de represarias. P8, que ao informar ao pai que iria com amigos (homens) ao cinema, o progenitor disse “que cinema não é lugar de se encontrar com homem”. Tal diálogo aponta para o julgamento de uma prática de lazer velada ao machismo, no qual podemos refletir sobre o quanto a prática da LGBTfobia está vinculada aos comportamentos machistas, como defendido por CARRARA e SAGGESE (2011). Somando os fatores de censura, estereótipos e julgamentos acerca de suas práticas ou modo de ser, há um momento de introspecção no qual LGBT passam diante de seu processo de aceitação e outing. Nas entrevistas realizadas, todos os participantes relataram medo de reconhecerem sua orientação sexual, não por fatores pessoais, mas sim por interferências no

meio em que se encontram. Nos depoimentos, o medo de não ser aceito, acolhido ou expulso de casa ganharam destaque e, em sua maioria por seu núcleo familiar. De acordo com as entrevistas, P13 relata que em uma discussão com a mãe sobre quando a sua orientação sexual foi revelada, foi expulsa de casa, dormia no carro e tinha auxílio de poucos amigos, mesmo num período de dificuldade, declarou que gostaria que se sentir aceita pela progenitora. No caso de P14, sua mãe o inseriu dentro de um programa cristão, Êxodos, no qual possuía controle das suas atividades diárias, assim como todo o conteúdo consumido por **meios** eletrônicos. Tal medida, adotada pela mãe, foi baseado no acreditar dela na “Cura Gay”. Segundo Jesus (2013), “as pessoas de orientação sexual não heterossexual sofrem as consequências de um conjunto de crenças compartilhadas sobre a superioridade da heterossexualidade. Um dado relevante para essas questões religiosas é que o preconceito é sempre escondido por trás de uma conduta religiosa, num movimento de se terceirizar a culpa aos dogmas religiosos e travestir tal fala como verdade, exatamente por acharem que práticas religiosas são incontestáveis e imutáveis.

O preconceito não é inato; ele se instala no desenvolvimento individual como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento - que já é uma defesa psíquica contra aqueles- e o estereótipo, o que indica que elementos próprios à cultura estão presentes (CROCHIK, 1996)

Apesar da maioria dos entrevistados terem mostrado um período de *pré-outing* turbulento, como no caso de P1, P3, P4, P5, P6, P7, P12, P13, P14 e P15, descrevem uma relação mais tranquila no momento do outing. Destes, mesmo perdendo amigos ou colegas próximos, a saída do armário foi tranquila e houve algum tipo de diálogo após o período. Diferente dos casos anteriores apresentados, pode-se tecer um argumento de que embora em sociedade, existem pessoas que estão abertas à sensibilização e a compreensão da realidade do LGBT e este fator não está relacionado à idade ou ao meio diretamente, mas sim à capacidade de desconstruir o pré-conceito existente perante práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com TOLEDO e TEIXEIRA FILHO (2013) e entrelaçando com as escritas de CROCHIK (1996), LGBTs passam por períodos de insegurança dentro do linear entre autoconhecimento e o processo de outing. Sua vivência é revestida de preconceitos velados ou perceptíveis, ameaças de segurança, violências e assédios físicos e morais. Diante desse cenário, quando uma pessoa se descobre LGBT, ela realiza um movimento de volta pra si, para seu íntimo e repensa suas questões, já com medo daquela zona desconhecida, no qual futuramente será chamada de orientação sexual, até a experimentação de experiências sociais e pessoais que vão moldando sua percepção de mundo. Em questão dos preconceitos

religiosos, são apresentadas duas instâncias: a primeira, no qual como um pensamento estrutural social de preconceito vestido de opinião religiosa de quem não opera firmemente ou regularmente a prática religiosa e, em segundo lugar, a visão religiosa sobre a pessoa LGBT. O processo de outing, de acordo com as escutas realizadas é uma afirmação de sua identidade enquanto LGBT e o rompimento com as barreiras anteriormente dispostas. Muitos dos casos apresentados em experiência de outing, a pessoa LGBT que já se sente desamparada pela sociedade, acaba temendo a hostilidade da família, com medo da agressão ou repressão devido a um padrão de vida religioso.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO A; CONTARATO A; SANCHES D. **Dados Públicos sobre Violência Homofóbica no Brasil: 29 anos de combate ao preconceito**. Faculdade Getúlio Vargas, 2019. Disponível em <<http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-29-anos-de-combate-ao-preconceito/>> Acesso em 21 abr 2021
- BORGES, Klecius, **Terapia Afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais**. São Paulo: Edições GLS, 2009.
- BORRILLO, D. **HOMOFOBIA: Assassinatos de LGBT no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 144 p
- CARRARA, S., and SAGGESE, G. **Masculinidades, violência e homofobia**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 201-225
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n. 1/99, estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual, 23 mar. 1999, Brasília, 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.
- CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade. Temas psicol.**, Ribeirão Preto Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2022.
- DIAS, M. B. Manual de direito de famílias. 11 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2016.
- GASPODINII, Icaro Bonamigo; FALCKEI, Denise. **Estudos psicológicos brasileiros sobre preconceito contra diversidade sexual e de gênero. Est. Inter. Psicol.**, Londrina Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2022.
- HENRIQUES, W. M. **Supervisão: Lugar mestiço para aprendizagem clínica**. São Paulo – Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, PSA – USP., 2005.
- INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de violência**. Instituto Maria da Penha, 2021. Disponível em <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>> Acesso em 21 abr de 2021.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 13-61.
- MEIHY, J. C. S. B.; **Canto de morte Kaiowá, história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

OLIVEIRA, J. M. D. Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia/ José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

RIBEIRO, Laura Moraes e SCORSOLINI-COMIN, Fabio **RELAÇÕES ENTRE RELIGIOSIDADE E HOMOSSEXUALIDADE EM JOVENS ADULTOS RELIGIOSOS. Psicologia & Sociedade.** Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>>. Acessos em 02 ago. 2022

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 ago. 2022.